

## O GERENCIAMENTO DO CONHECIMENTO NO APRENDIZADO DE UM IDIOMA POR MEIO DE MÚSICAS.

Camilla Reisler Cavalcanti (CAPES/UFES)

[camillitz@hotmail.com](mailto:camillitz@hotmail.com)

Micheline Mattedi Tomazi (UFES)

[michelinetomazi@gmail.com](mailto:michelinetomazi@gmail.com)

**RESUMO:** O uso de músicas no ensino de idiomas é uma prática amplamente difundida e apreciada tanto por professores como alunos. Os motivos são vários, desde a motivação até a questão de sua eficácia. No entanto, sabe-se que quando se aprende um idioma, há uma carga cognitiva muito grande porque o aluno não somente reproduz a música como também a interpreta e reconstrói seu significado em um rico processamento discursivo. Para compreender e produzir um discurso é necessário ter e ativar uma ampla gama de conhecimento de mundo. Van Dijk (2014) defende que a aquisição de conhecimento não só acontece de forma objetiva e abstrata, mas que o gerenciamento das informações pelo sujeito passa impreterivelmente pela interface cognitiva e determina seu discurso. Dessa forma, indivíduos de uma mesma comunidade epistêmica não interpretarão um discurso de forma equivalente. O discurso reproduzido constituirá o conhecimento sociocultural geral. Em uma comunidade discursiva, membros interagem e o conhecimento tem um papel crucial quanto à identidade pelo fato de que delimita a adequação daquilo que se considera verdadeiro ou não. No entanto, ao apresentar músicas para alunos de um segundo idioma, esse gênero é carregado de crenças socioculturais compartilhadas e representações sociais de um grupo específico. As metáforas, inseridas em um gênero multimodal como a música revelam traços do processamento discursivo que fará parte do aprendizado. Abordamos então esse processamento discursivo dentro da teoria sociocognitiva de Van Dijk (2012, 2014) no intuito de melhor compreender o gerenciamento mental do conhecimento. Para o estudo das metáforas apoiamos-nos em Lakoff e Johnson (1980). Para exemplificar essa abordagem, escolhemos a música *On Irá* da cantora francesa Zaz, na qual as relações humanas são representadas por elementos naturais e situações de relações humanas cotidianas. O estudo aponta para o fato de que metáforas tornam o discurso mais compreensível por conterem elementos que possivelmente já estejam na memória dos participantes e por serem de fácil incorporação e não restritos somente àquela cultura.

**PALAVRAS-CHAVE:** processamento discursivo; conhecimento; músicas; metáforas; aprendizagem.

**ABSTRACT:** *The use of songs in language teaching has been a widely spread practice and appreciated both by teachers as well as students. There are several reasons for this, ranging from motivation until questioning its efficacy. Nevertheless, it is known that once a language is learned there is a large cognitive load, for not only the students reproduce the song, but interpret it as well and reconstruct its meaning in a rich discursive process. To understand and comprehend discourse it is necessary to activate and extensive range of knowledge of the world. Van Dijk (2014), defends that the*

*acquisition of knowledge not only happens in an objective and abstract form, but also that the management of this information by subject goes inevitably through the cognitive interface and determined the discourse. In this sense, individuals from the same community will not interpret the same discourse in the same way. The reproduced discourse will be construed of the general social cultural knowledge. In a discursive community, members interact and the knowledge has a crucial role as of identity, for the fact that adequacy limits what its true or not. Nevertheless, the genre presented to students is loaded with sociocultural shared beliefs and social representations of specific groups. The metaphors, inserted in a multimodal genre as a song reveals traces of discursive processes that will take part of learning. We approach, therefore, this discursive processing through the sociocognitive theory of van Dijk (2012, 2014) in the intention to better understand the mental management of knowledge. For the study of metaphors, we draw upon Lakoff and Johnson (1980). To exemplify our approach, we've chosen the song "On Ira" by the French singer ZAZ, in which human relations are represented by natural elements and situations of daily human relations. The study points to the fact that metaphors make discourses more comprehensible setting elements that are possibly in the memory of participants and therefore become easily incorporated and not restricted to one culture.*

**KEY-WORDS:** *discursive processing; knowledge; songs; metaphors, learning.*

## **Introdução**

O tema ensino-aprendizagem de um idioma estrangeiro é amplamente discutido. No entanto, com o desenvolvimento das novas tecnologias, tem-se questionado cada vez mais o ensino praticado não só nas escolas brasileiras, como nos cursos livres de idiomas. Enquanto essas discussões servem para aprimorar os métodos e as abordagens, professores utilizam músicas em suas aulas, enriquecendo, dessa forma, suas atividades.

Nesse mesmo sentido, o estudo da metáfora, apesar de pragmaticamente já ter sido definido por Aristóteles como "dar o nome de uma coisa à outra", é considerado um ramo bastante novo na linguística.

Esse novo foco dado à metáfora é atribuído principalmente à obra de Lakoff e Johnson, "Metáforas do Cotidiano" (*Metaphors we live by*) de 1980. Rompendo com o pensamento de que a metáfora é simplesmente um fenômeno retórico e estilístico, a obra atribui principalmente à cognição a responsabilidade pela interpretação da metáfora. Elas trazem à tona as qualidades de um conceito consideradas importantes para aquele que as usa. A metáfora é uma ponte que liga domínios semânticos diferentes, fazendo, assim, com que percebamos novos caminhos para a compreensão e construção de significado. A metáfora se torna uma maneira de expandir os significados de palavras além do literal ao abstrato e é também uma maneira de expressar o pensamento abstrato em termos simbólicos de fácil compreensão e incorporação pelo sujeito.

Acreditamos que, hoje, o uso de músicas para o ensino de uma língua estrangeira fornece muitas ferramentas para a compreensão, não só do processo cognitivo de gerenciamento de conhecimento, como também para observar a eficácia de sua aplicação. Esse trabalho apoia-se também na abordagem sociocognitiva de van Dijk (2012, 2014) para dar conta do processo de aprendizagem de um idioma, utilizando-se como ferramenta de apoio, as músicas.

### **1. Aporte teórico**

Para abordar o tema, partiremos da proposta feita pela obra de Lakoff e Johnson (1980), na qual as metáforas são vistas como conhecimento incorporado, procurando convergir com a abordagem sociocognitiva, que discute o processamento discursivo e a relação de discurso e conhecimento, temas propostos por van Dijk (2002, 2012, 2014).

Van Dijk (2014) afirma que para a compreensão de qualquer discurso precisamos de muito conhecimento e este é adquirido via experiências, discursos e inferências que fazemos. Isso vai ao encontro do que Lakoff sugere no sentido em que nosso conhecimento é construído a partir do que já está em nossas mentes; as representações em forma de modelos que guardamos na memória e recrutamos durante as práticas sociais. Assim reforçamos nosso conhecimento por meio de interações e discurso, estruturando o que será aprendido a seguir. Similarmente, se um conhecimento não for recrutado, será cada vez mais facilmente esquecido.

Qualquer prática social envolve pelo menos dois lados e está, necessariamente em um contexto. Van Dijk (2012) propõe categorias para compreendermos os modelos de contexto que, segundo o autor são reformulados dinamicamente e por isso são relativamente simples. No entanto são culturalmente variáveis e esse aspecto deve ser levado em consideração na prática de aprendizagem. São as categorias:

- Ambiente: espaço, tempo.
- Participantes: todos envolvidos na interação.
- Eu-mesmo: categoria relativa ao caráter egocêntrico dos modelos de contexto.
- Ações/eventos comunicativos: a interação em si.

Nesse sentido, esses pontos são cruciais ao se pensar em práticas pedagógicas visto que, no processo ensino-aprendizagem, porque os modelos de contexto são dinâmicos e não só a interação em sala deve ser vista como o único ponto de partida; a consciência do contexto é crucial. Desse modo, aprendemos algumas coisas individualmente, algumas

culturalmente de acordo com a comunidade e outras universalmente por sermos humanos. Isso molda impreterivelmente a forma como pensamos e aprendemos.

A proposta de Lakoff e Johnson (1980) é a de que a metáfora é uma forma de construir significado, principalmente no que tange conceitos abstratos. Segundo os autores, os conceitos são fundamentais para a forma como damos significado ao mundo. O sistema que gerencia esses conceitos tem um papel crucial em definir nossas atividades do dia-a-dia. De acordo com van Dijk (2014), esses conceitos são guardados na nossa memória semântica e recrutados nas interações. Sendo um componente do cotidiano, a metáfora é um mecanismo crucial de conceptualização do mundo, permeando todas as esferas, não somente a linguística.

Assim sendo, a forma como pensamos, agimos, como conceituamos o mundo, é metafórica por natureza. Isso implica que nossos conceitos são formados cognitivamente, estruturam nosso comportamento, nossas interações e consequentemente nossa forma de aquisição de conhecimento.

Um outro aspecto importante apontado por Lakoff e Johnson (1980) é que o fato de usarmos um termo para falar de outro amplia nossas possibilidades por não estarmos restringidos a conceitos rígidos. A metáfora corporiza elementos abstratos, facilitando a compreensão. Podemos falar, por exemplo, de um “abraço quentinho”. Sabemos então, por ter passado por isso, se um abraço é quente ou não e, consequentemente, qualificamos pessoas como frias ou quentes.

Quando os autores falam que um argumento é uma viagem, essa metáfora sozinha não dá conta de construir o significado. Existem outros domínios que podem ser aplicados, porque um argumento somente é uma viagem “metaforicamente” falando. Podemos dizer que o argumento é uma construção, ou que um argumento é uma guerra, o que viabiliza várias outras estruturas metafóricas que expliquem o conceito.

Lakoff e Johnson afirmam que não estamos falando apenas de um argumento. Nossas ações e sentimento se desdobram dessa metáfora e estruturamos nossa forma de pensar a partir dessas primeiras metáforas que podem inclusive se sobrepor, como exemplificam os autores: “Até agora, construímos somente a base do nosso argumento” (Lakoff; Johnson, p.102)<sup>12</sup>. Aqui percebemos que houve um caminho percorrido e a construção de parte do conteúdo do argumento. Dessa forma podemos compreender, sentir o desempenho humano em se tentar elaborar um argumento sólido.

---

<sup>1</sup> So far we have constructed the core of our argument.

<sup>2</sup> Todas as traduções deste trabalho são da autora.

Essa nova abordagem da metáfora contesta não somente o papel da linguística descritiva, mas também traz um novo pensamento quanto à verdade ou falsidade da linguagem. Isto é, as metáforas são culturais em sua maioria e perpassam pelas experiências individuais. “Os conceitos metafóricos não são definidos somente em termos de propriedades inerentes; são definidos fundamentalmente em termos de propriedades interacionais” (Lakoff; Johnson, 2002, p. 125)<sup>3</sup>.

Os autores puderam então afirmar que, não só compreendemos melhor esses conceitos abstratos por meio de metáforas, mas que o fazemos por um processo cognitivo de incorporação. Isto é, quando escolhemos uma metáfora, sabemos que há uma sensação envolvida que pode ser fisicamente, materialmente compreendida.

Apesar de as metáforas não nos fornecerem uma única imagem concreta, elas são coerentes e se encaixam com vinculações sobrepostas. As metáforas surgem de experiências concretas claramente delineadas e nos permitem construir conceitos altamente abstratos e elaborados. (Lakoff; Johnson, 1980, p.105)

O sistema conceitual forma a base para a comunicação. Isto é, as metáforas conceituais surgem não como um pensamento isolado, mas com o uso recorrente enraizado na incorporação de interações, elaborando evidência linguística desse processamento. Como afirmam os autores,

Já que expressões da linguagem estão conectadas a conceitos metafóricos em uma forma sistemática, podemos usar expressões metafórica para estudar a natureza de conceitos metafóricos e obter uma compreensão da natureza metafórica das nossas atividades (Lakoff; Johnson, 1980, p.7).<sup>4</sup>

Os autores dão destaque a três tipos de metáforas:

- 1) Estruturais – estruturam um conceito em termos de outro. Ex: Um argumento é guerra.
- 2) Orientacionais – organizam a orientação espacial. Ex: Estou meio para baixo hoje! Essas metáforas surgem pelo simples fato de estarmos em um ambiente físico de determinada cultura.
- 3) Ontológicas – categorizam, agrupam, quantificam conceitos abstratos. Assim damos a elementos abstratos, como “amor”, habilidades humanas, personificando o fenômeno. Assim emergem outras metáforas como; “Olhe onde nosso amor nos trouxe! ” Ou “A situação econômica me dá raiva! ”. Como

---

<sup>3</sup> Though such metaphors do not provide us with a single consistent concrete image, they are nonetheless coherent and do fit together when there are overlapping entailments. The metaphors come out of clearly delineated and concrete experiences and allow us to construct highly abstract and elaborate concept.

<sup>4</sup> Since metaphorical expressions in our language are tied to metaphorical concepts in a systematic way, we can use metaphorical linguistic expressions to study the nature of metaphorical concepts and to gain an understanding of the metaphorical nature of our activities.

se o amor pudesse literalmente carregar alguém como um veículo ou como se a situação econômica tivesse mãos para dar algo (no caso um sentimento) a alguém.

Desde que os estudos da metáfora têm crescido, principalmente no campo da linguística cognitiva, torna-se uma consequência natural sua aplicação para os processos de ensino-aprendizagem. Já que a aprendizagem é um processo mental no qual relações são estabelecidas e conhecimento é acionado, acreditamos que um idioma pode ser melhor aprendido de uma forma incorporada. Isso acontece quando se desenvolve a consciência das relações estabelecidas pela metáfora construindo assim um sentido mais concreto dos conceitos. Um outro ponto crucial na aprendizagem de um idioma e a compreensão das metáforas é que

se uma nova metáfora entra no sistema conceitual no qual baseamos nossas ações, alterará este sistema conceitual assim como as percepções e ações que deste emergem. Algumas mudanças culturais surgem com a introdução de um novo conceito metafórico e a perda de conceitos antigos (Lakoff; Johnson, 1980, p.145).<sup>5</sup>

Nesse ponto converge a abordagem de van Dijk (2012, 2014) que propõe uma abordagem multidisciplinar para que melhor compreendamos como se dá o gerenciamento do conhecimento e, conseqüentemente, a aprendizagem. O autor afirma que adquirimos conhecimento por meio das experiências, pelos discursos e pelas inferências que fazemos nas nossas interações, e por isso, relacionar conhecimento, processamento discursivo e aprendizagem é inevitável.

O ato de interpretar consiste em fazer o mapeamento das metáforas e o processo cognitivo de fazer inferências. O primeiro consiste em corresponder os elementos propostos pela metáfora e em seguida, o ato de correlacionar com o conhecimento de mundo, mobilizando os modelos mentais para construir a coerência do discurso. São os cálculos mentais feitos *online* para dar sentido àquilo que ouvimos.

Na abordagem sociocognitiva, as pessoas deixam de ser sujeitos assujeitados e passam a ser atores sociais que interferem na cadeia discursiva. Para a prática pedagógica, isso significa que, o professor, ao elaborar sua aula, ativa seu conhecimento e deve levar em consideração que o conhecimento do outro não é necessariamente igual ao seu.

---

<sup>5</sup> If a new metaphor enters the conceptual system that we base our actions on, it will alter that conceptual system and the perceptions and actions that the system gives rise to. Much of cultural change arises from the introduction of the metaphorical concepts and the loss of old ones.

Para que qualquer interação seja significativa e coerente, ativamos uma enorme quantidade de conhecimento, seja sociocultural geral ou individual, que usamos para ler, escrever, conversar, ensinar ou aprender. Van Dijk (2014) afirma que, quando adquirimos conhecimento, construímos Modelos Mentais, representações cognitivas subjetivas de nossas experiências. Esses modelos são cruciais porque incorporam as experiências e “proporcionam um ‘ponto de partida’ para a produção do discurso. Isto é, formam a base da construção das representações semânticas dos discursos sobre eventos ou situações do dia-a-dia” (van Dijk, 2012, p.91).

Visto que o conhecimento está na mente dos agentes sociais, como dar conta do conhecimento do outro? Os estudos linguísticos são relevantes por focar nas estruturas e estratégias que demonstram a forma como o conhecimento é pressuposto, expressado, (re)formulado e gerenciado nas interações. As metáforas nos fornecem esclarecimento dos sistemas de representação de conhecimento servido de o que Lakoff e Johnson (1980) chamam de “evidência linguística” das nossas interações no mundo.

Metáforas restringem o significado ajudando a formar os Modelos Mentais visto que há uma simulação da situação *online* durante a compreensão da metáfora. As metáforas conceituais são dinâmicas e reformuladas a cada instante, mas sempre dentro de uma coerência dada pelos *frames*.<sup>6</sup> A compreensão não é feita somente pelo acionamento de uma metáfora relevante. Há uma simulação incorporada das possíveis sensações provenientes daquele mapeamento. Imaginamos, por meio do nosso conhecimento, o que aquele discurso pode significar. Essas ligações feitas de forma reiteradas formam o pensamento metafórico trazendo coerência para aquele discurso.

Isso implica que a compreensão de um discurso exige que imaginemos a situação exposta e isso cognitivamente ativa partes do cérebro relativas à ação propriamente dita, mesmo que não estejamos literalmente envolvidos na interação. Isso explica como sabemos que certas ações procedem ou não. Se algo é dito fora do *frame* proposto, sabemos que não há coerência. Ao dirigirmos um carro, fazemos simulações a todo tempo e sabemos que se aceleramos em direção a um penhasco, o resultado talvez não seja tão favorável. Da mesma forma simulamos as várias possibilidades ao chegarmos em um cruzamento. Que podemos forçar a passagem ou respeitar as regras.

---

<sup>6</sup> Lakoff e Johnson utilizam o conceito proposto por Fillmore (1982, p.111), no qual *frame* é qualquer sistema de conceitos relacionados de tal forma que para compreender qualquer um deles, deve-se compreender uma estrutura completa na qual o conceito se insere; quando um elemento pertencente a tal estrutura é introduzida em um texto ou conversa, todos os outros tornam-se automaticamente disponíveis.

Podemos até mesmo ser mais generosos e deixar alguém com dificuldades passar à frente.

Dessa forma, os *frames* têm um papel semântico crucial que, ao mesmo tempo que limita o contexto, pode expandir o conhecimento por ser flexível suficiente para que indivíduos e grupos tragam elementos novos àquele contexto.

Van Dijk (2014) aponta para o fato de não haver uma relação direta entre discurso e sociedade. O processamento do discurso passa impreterivelmente pela interface cognitiva. Isto é, os usuários de linguagem gerenciam conhecimento de forma individual e social para funcionarem adequadamente em situações comunicativas.

A concepção dos modelos mentais fornece uma compreensão de como o conhecimento é gerenciado e adquirido, e auxilia nas práticas pedagógicas. Primeiramente, devemos sempre considerar que interações não são momentos isolados. De acordo com van Dijk,

fontes perceptivas – ou métodos – de aquisição de conhecimento não são meras instâncias de visão isolada (audição, toque, olfato, etc.), mas parte de um evento multimodal muito mais complexo representado no modelo mental (van Dijk, 2014, p.330).<sup>7</sup>

Esse evento fornece informações para que novas inferências quanto ao novo possam ser feitas. A presença de outras pessoas, no caso outros alunos, fornece informação de conhecimento compartilhado.

O fato de que reconhecemos narrativas culturais e *frames* significa que estão instanciadas fisicamente em nossos cérebros. Não nascemos assim, mas logo elas começam a crescer e assim que adquirimos narrativas profundas, nossas sinapses tornam-se fixas (Lakoff, 2008, p. 34).<sup>8</sup>

Para o aprendizado, é importante sempre ter em mente que o conhecimento compartilhado está limitado aos modelos mentais mais abstratos. Esses são as representações sociais que temos de grupos, comunidades e outros países.

Van Dijk (2012) afirma que os atores sociais formam modelos mentais dos eventos dos quais estes falam, mas também dos eventos dos quais estes participam. Isto significa que conhecimento é adquirido nas experiências do cotidiano, nas interações sociais e nas inferências feitas nos processos cognitivos.

---

<sup>7</sup> Perceptual sources – or rather methods - of knowledge acquisition are not merely instances of isolated vision (hearing, touch, smell, etc.) but part of a more complex multimodal event as represented in a mental model.

<sup>8</sup> The very fact that we recognize these cultural narratives and frames means that they are instantiated physically in our brains. We are not born with them, but we start growing them soon, and as we acquire the deep narratives, our synapses change and become fixed.



Os modelos pragmáticos e semânticos de interações anteriores fornecem evidência de outras fontes de conhecimento externas ao modelo mental individual. Tais modelos de situação podem ser similares aos nossos e assim comparamos inclusive com propósito de dar validade, crédito ou plausibilidade àquilo que está sendo exposto.

O processamento cognitivo ativa a informação representada em modelos antigos e mobiliza o que for relevante para àquela interação, controlando a atual produção. A produção do aluno serve como evidência do aprendizado. Van Dijk afirma que “é a base semântica do conhecimento representada em modelos mentais que fornece informação para a funções pragmáticas do modelo de contexto” (van Dijk, 2014, p.332).

Levando em consideração que metáforas são partes do nosso pensamento e que o processamento cognitivo dos modelos mentais não regula somente a semântica da comunicação, mas também a adequação da interação à situação de comunicação, podemos dizer que os modelos mentais são um dispositivo pragmático que faz com que o uso da linguagem seja apropriado.

Poder-se-ia aqui falar de contextos que, pelo viés sociocognitivista de van Dijk (2012), são construções mentais subjetivas de eventos comunicativos. Isso implica que “os modelos de contexto regulam a maneira que os usuários da linguagem se expressam, implicam ou pressupõem o conhecimento dos discursos (van Dijk, 2002, p.10).”

Os modelos mentais de contexto formam uma base para os aspectos pragmáticos do discurso, visto que apresentam condições relevantes para a pertinência discursiva. Assim, deve-se levar em consideração os fenômenos pragmáticos como atos de fala, polidez, estrutura conversacional, sempre em termos de modelos de contexto. São nesses fenômenos que é possível enxergar o uso apropriado do conhecimento no discurso.

Afirmamos então que, qualquer texto, discurso ou interação em uma abordagem educacional tem impacto na aquisição de conhecimento. Na elaboração de uma proposta deve-se pensar não só no conteúdo, mas também em quem são esses alunos, qual conhecimento prévio que podemos pressupor que já tenham. Cada aluno mobiliza o conhecimento relevante para aquela situação e utiliza-se de estratégias para a construção de significado.

Vale lembrar que a aprendizagem é também aquisição de representações de atores sociais de um certo grupo ou comunidade. Os professores precisam ter uma percepção desses processos cognitivos para que desenvolvam estratégias didáticas para

o desenvolvimento do conhecimento. De acordo com van Dijk (2002), a linguagem é cada vez mais ensinada da forma que é realmente usada e o ensino do discurso é uma dimensão fundamental do novo conceito de ensino-aprendizagem da linguagem.

Uma música é carregada de elementos linguísticos e culturais. Caso esta seja rica em metáforas, o ator social terá elementos mais concretos para fazer comparações e justamente por metáforas serem incorporadas, facilitará a retenção de vocabulário, por exemplo. Existem inúmeros pontos a serem discutidos quanto ao uso de músicas no ensino de idiomas, como a pronúncia, ritmo etc., mas para este trabalho manteremos o foco nas metáforas, com uma breve expansão para outros elementos linguísticos.

## 2. Metáforas do relacionamento humano

Escolhemos como *corpus* a música *On irá*, da cantora francesa Zaz. A escolha justifica-se não só porque a música é repleta de metáforas, mas também porque fala justamente de interações e práticas sociais. Analisamos a música por estrofes e numeramos os versos para facilitar a leitura.

O título da música é *On Ira*. É uma música que fala de relacionamentos humanos de uma forma geral, trazendo o encontro de várias culturas com a menção de lugares e hábitos distintos. O título está no futuro do presente do indicativo, que indica que todas as ações a serem apresentadas são certas de acontecer.

*On* é um pronome indefinido podendo também sugerir um sujeito indeterminado. Vários versos da música começam assim, afirmando, então, que “iremos”, ou “a gente vai”, “vamos”, “nós vamos”, “iremos” ou “nós iremos”. O interlocutor é inserido no contexto de forma generalizada (quando o pronome está ausente) ou é incluído por meio do pronome. A música, portanto, começa convidando aquele que ouve a fazer parte daquilo que vai certamente acontecer.

As ações contidas na música são bastante cotidianas, o que facilita a aprendizagem de verbos conjugados com o pronome acima citado que, assim como nas traduções por nós propostas, é de uso comum em Francês.

A proposta da música parte da metáfora ontológica de que os destinos se cruzam, visto que o ser humano normalmente vive em comunidade em contextos que fazem parte da natureza, e, dessa forma, esta está presente de alguma forma na maioria das relações e conseqüentemente no conhecimento geral. Passamos à letra da música de Zaz:

1. Vamos ouvir o Harlem na esquina de Manhattan
2. Vamos fazer corar/infusão/queimar/preparar chá nos *souks* de Amman

3. Vamos nadar no leito do rio Senegal
4. E veremos acender/ (queimar) Bombaim sob as luzes de Bengala

Nessa primeira estrofe são propostas várias atividades humanas, cada uma relacionada a uma determinada cultura. Mesmo se o aluno não tiver muito conhecimento quanto à geografia e a costumes de outras culturas, este consegue construir modelos mentais e assim reter a informação básica dos verbos por meio das ações cotidianas, fazendo relações e analogias como:

1. *Écouter* – ouvir (uma música, um barulho)
2. *Rougir le thé* – preparar o chá
3. *Nager dans le fleuve* – nadar (no rio, no mar, no oceano)
4. *Bruler sous un feu* – queimar sob um fogo.

Quando se fala de ensino/aprendizagem pelo viés sociocognitivo, torna-se importante enfatizar que a aquisição de conhecimento sempre se dá quando se relaciona conhecimento dado ao novo, formando assim novas conexões. No caso das ações cotidianas dessa estrofe, pressupõe-se já serem conhecidas.

Para a compreensão e a associação, modelos mentais são mobilizados e a relação é feita. Dessa forma, os elementos novos como os lugares onde essas ações acontecem podem ser informações complementares. De acordo com van Dijk, “compreender um texto significa compreender o ‘mundo’” (van Dijk, 2002, p.11).

A todo momento na música, as diferenças culturais, caso não conhecidas, devem ser discutidas visto que culminam no refrão. Assim, nessa primeira estrofe, é interessante trazer para a interação o fato de que Harlem (1) é um bairro afro-americano de Manhattan conhecido por ter uma intensa atividade cultural, principalmente por ser o berço de *jazz* e *blues*. Os *souks* (2) são mercados típicos de países árabes onde são vendidas especiarias, temperos e chás. Amã, a capital da Jordânia, é um dos centros comerciais mais antigos da história. O Rio Senegal (3), que dá nome ao país, é altamente navegável e de suma importância para o comércio. Cabe aqui dizer que a França já controlou o país e por isso podemos aqui iniciar a mistura de culturas. Bombaim (4), hoje chamada de Mumbai, é a cidade mais rica da Índia e é um importante porto no mar Árabe. Historicamente foi ponto de encontro de muitas civilizações. Continuamos com a letra:

5. Vamos arranhar o céu sob a Kyoto
6. Vamos sentir Rio bater no coração de Janeiro
7. Vamos levantar os olhos para o teto da Capela Sistina
8. E brindar no Pushkin Café

Nessa estrofe são mencionados os arranha-céus de Kyoto (5) no Japão chamando a atenção à modernidade de um país de tradições milenares. Há uma transposição da metáfora ontológica do conceito arranha-céus. Prédios não arranham os céus, mas entendemos que esses são muito altos. No entanto essa ação metafórica é passada para quem está no alto dos prédios dando oportunidade de ter a sensação de estar junto aos céus e poder assim arranhá-lo. A metáfora traz uma ação impossível, mas o “arranha-céu” é um conceito de prédios modernos e altos que se pressupõe conhecido pela maioria daqueles que já estiveram ou vivem nos grandes centros.

Em seguida somos levados a saber que a cidade do Rio de Janeiro (6) é personificada por ter um coração batendo em seu peito, o que mostra a visão de que a cidade é mundialmente conhecida por sua batida, seu carnaval e o samba, e por isso é viva. É uma metáfora incorporada (*embodied*) pois todo ser humano vivo tem um coração dentro de seu corpo que bate e os batimentos variam de acordo com as situações e sensações. Da mesma forma compreendemos quando alguém diz que “o centro da cidade fica morto à noite”.

Quando levantamos nossos olhos para o alto da Capela Sistina (7), não só observamos a obra de Michelangelo, mas também é um ato de reverência às entidades superiores. As metáforas orientacionais são aquelas relacionadas à orientação espacial. Na maioria das culturas, para cima é positivo e para baixo negativo. Temos, por exemplo, o conceito metafórico de feliz ser para cima. A música não necessariamente refere-se à espiritualidade por ser uma capela. Pode estar relacionando também à apreciação da arte do famoso artista. Mover o corpo em formas que sejam coerentes com as metáforas ajudam na sua compreensão. Em outras palavras, “a estrutura dos nossos conceitos espaciais emerge da nossa constante experiência espacial, na nossa interação como o ambiente físico” (Lakoff; Johson, 1980, p.56).<sup>9</sup>

Enfim, brindamos em um café localizado em Moscou (8). Esse café foi mencionado em uma música francesa de 1964 e que na verdade só foi criado em 1999 para comemorar o bicentenário do poeta russo Alexandre Pouchkine.

Nesse trecho são mais quatro verbos: arranhar, sentir, levantar e brindar. São atividades razoavelmente comuns e que poderão ser explorados não só no contexto proposto pela música, mas também em outros momentos a depender da prática pedagógica.

---

<sup>9</sup> The structure of our spatial concepts emerges from our constant spatial experience, our interactions with the physical environment.

Após a apresentação dessas várias ações ou viagens que somos convidados a fazer, o refrão encapsula como as relações humanas são privilegiadas e belas como a harmonia dos elementos da natureza. Seguimos com a letra:

9. Ah, como é linda a nossa sorte/chance/oportunidade
10. Nas mil cores de ser humano
11. Misturar nossas diferenças
12. Na encruzilhada dos destinos

Nesse momento a música apresenta a encruzilhada como uma metáfora “contêiner” na qual nossas diferenças são misturadas (11). Expõe metáforas ontológicas que materializam o abstrato. A cultura de cada comunidade passa a ser um conteúdo físico, assim como cores, que se misturadas podem propiciar milhares de outras cores. Cada característica diferente é uma cor sem igual e que ao ser misturada gera outra. É a interação dialógica que constrói o significado das relações humanas. A metáfora apresenta o encontro de pessoas como uma oportunidade de “colorir” o mundo e é facilmente visualizada por aquele que aprende a música.

Há outra metáfora sobreposta a essa: nossos destinos são viagens que eventualmente têm encruzilhadas (12). Compreendemos fisicamente porque sabemos que a todo lugar que vamos sempre temos que cobrir uma distância, escolhendo a todo momento a direção a seguir. Há caminhos que levam a encruzilhadas nas quais temos que tomar decisões que poderão mudar nosso destino.

Nesse mesmo sentido, sempre encontramos pessoas com as quais trocamos ideias, fazemos perguntas e trocamos conhecimento. Nesses encontros há o posicionamento do “eu” para que haja o “outro”. Na estrofe anterior, o verbo “ser” já é apresentado duas vezes (9, 10) e é reforçado nas duas estrofes seguintes (13, 14, 15, 16, 17, 18) conjugando com os pronomes “você” e “nós”, que estão provavelmente sendo usados para generalizar e, nesse sentido, junto com o pronome “on”, são muito usados. Na música o pronome é quase sempre no plural, causando uma generalização e incluindo todos nas relações:

13. Você é as estrelas, nós somos o universo
14. Você é um grão de areia, nós somos o deserto
15. Você é mil páginas e eu sou a caneta.

Nessa parte do refrão, emergem outras metáforas a partir da primeira proposta. Se você(s) é(são) as estrelas, todos nós fazemos parte de um conjunto inseparável visto que todas estrelas fazem parte do universo. O mesmo se aplica ao grão de areia (14), que na sua unicidade, faz parte do imenso deserto. Finalmente, a metáfora na qual você

(s) é(são) mil páginas(15) e eu a caneta propõe que somente juntos poderemos escrever nossas histórias. Observa-se aqui um momento em que o pronome está no singular. Acreditamos que a metáfora está de acordo com as anteriores, dando ênfase à singularidade de cada ser humano porque apesar de uma história poder ser contada e escrita de formas infinitas, normalmente tem-se uma pessoa só escrevendo sobre uma página e uma caneta é um objeto que normalmente só pode ser usado por uma pessoa de cada vez.

A cantora continua fazendo essas relações:

16. Você é o horizonte e nós somos o mar
17. Você é as estações e nós somos a terra
18. Você é a costa e eu sou a espuma

O trecho propõe a interdependência das relações humanas. Algumas pessoas que conhecem o mar (16) têm o modelo mental de horizonte proposto pela música. No entanto, horizonte é um conceito que pode variar culturalmente. O conceito pode ser dessa forma ampliado e recontextualizado. Para Lakoff, as estações (17) são situações universais, mas que são culturalmente e historicamente variáveis. A música propõe a metáfora do que a terra produz a cada estação. Assim, nós nos relacionamos e construímos relações férteis ou não a depender do outro. Esta metáfora também é variável e relativa a cada região, mas sempre com mudanças na temperatura, nas plantas, no comportamento dos animais e nas nossas atitudes perante tais mudanças, como roupas, comidas, etc.

Finalmente, a cantora sugere que o oceano (18) encontra alguma costa, produzindo “espuma” no encontro. Acreditamos que a espuma represente as conversas, as trocas de experiência, o crescimento e a aprendizagem que cada um pode obter de tais encontros. A depender da encosta e da força das águas, a espuma vai ter maior ou menor intensidade. Da mesma forma, a experiência de cada um com essa imagem pode construir diferentes significados para encontros entre pessoas.

A partir dessa transformação a música retoma, como no início, ações que faremos. No entanto, há uma mudança na construção de sentido, visto que agora os destinos já se cruzaram, já não são mais os mesmos, foram reconstruídos pelos encontros. Os verbos no futuro apresentam consequências dos encontros:

19. Diremos que os poetas não têm bandeiras
20. Faremos tantos dias de festa quanto heróis tenhamos
21. Saberemos que as crianças são as guardiãs da alma
22. E que haverá tantas rainhas quanto há mulheres

O primeiro verso dessa estrofe (19), em sua metáfora, propõe que poetas não defendem partidos ou governos – suas palavras são livres de ideologias. Nesse sentido, todos são livres em aceitar as diferenças e por isso todos se tornam heróis. Como não há motivo para guerra, só há motivo para festa (20). Nos sentimos protegidos pela forte metáfora de que as crianças são guardiãs de nossas almas (21), mantendo a pureza da verdadeira aceitação. Essa é uma metáfora conceitual que atribui à alma um valor inestimável. Ela deve ser protegida como um tesouro recebendo assim qualidades materiais. Fazemos uma ressalva aqui lembrando que se trata de uma cantora Francesa que traz seu “eu” para sua criação. A imagem de crianças como guardiãs de alma talvez não faça tanto sentido em outras culturas.

Quebrando também com a tradição milenar de poder nas monarquias, teremos tantas rainhas (22) quanto mulheres há, dando à mulher uma posição de igualdade ao homem, assim como não se deve ter uma pessoa só representando o poder. Podemos ser reis e rainhas de nossos destinos.

Nessa estrofe já há predominância do verbo “ter” (19, 20, 22) que consideramos, assim como o verbo “ser”, basilares para o aprendizado de um idioma.

Com todo contexto apresentado, Zaz termina mostrando outras consequências desses encontros:

- 23. Diremos que os encontros fazem as viagens mais belas
- 24. Veremos que merecemos o que se compartilha
- 25. Escutaremos a música cantada em todos os lugares
- 26. E saberemos dar o que temos de melhor

Nesse momento, a metáfora proposta é que os encontros são viagens (23). Simulamos o que deve ser passar por aquilo que a música propõe. Mobilizamos nossos modelos mentais de contexto do que pode vir a ser uma viagem e o que são encontros. Acionamos também nossas experiências individuais quanto ao assunto e criamos um novo modelo de como os encontros podem ser lindas viagens. Para que possamos expressar nossas experiências e opiniões, os verbos “dizer e fazer (23), ver, merecer e compartilhar (24), escutar (25), saber e ter (26)”, são cruciais.

Compartilhamos histórias (24) a partir do que se pressupõe que o outro já sabe e o que se imagina que irá interessar. Podemos florear a conversa para deixá-la mais interessante e contar também sobre percalços. A história do outro enriquece o encontro também, havendo mais uma vez a mistura de cores e destinos. A diferença do outro é como uma nova música (25) que chega aos nossos ouvidos e tornando o encontro

agradável, aprendemos enfim que como merecemos aquilo que compartilhamos, devemos sempre dar aquilo que temos de melhor (26).

### **3. Considerações finais**

Percebemos que, em qualquer uso de linguagem e, principalmente, no uso de metáforas, encontramos o emprego de estruturas e estratégias que, de alguma forma, estão vinculadas ao conhecimento. A todo momento pressupomos o conhecimento sociocultural geral e o conhecimento pessoal representados em modelos mentais. Da mesma forma, a aprendizagem implica interação e conseqüentemente um certo conhecimento mútuo, a implicação de conhecimento compartilhado.

Visto que os modelos mentais que temos da nossa realidade social são construídos em termos metafóricos e que nossa concepção do mundo físico, que proporciona experiências para a formação desses modelos, também é em grande parte metafórica, concluímos que as metáforas têm um papel crucial na determinação do que é significativo para nossas interações.

O uso de músicas ricas em metáfora enriquece o aprendizado de idiomas porque nos permite construir modelos mentais nos quais podemos mais facilmente nos projetar no mundo de outros aumentando a eficácia da interação. A compreensão de uma metáfora é uma atividade mental *online*, que acontece à medida que se dá a interação sendo assim uma atividade mental cotidiana. O processamento discursivo se dá de forma eficiente em uma metáfora que proponha inclusive atividades abstratas, provando que há uma relação íntima entre o processamento discursivo e nossas experiências de mundo.

Neste trabalho tentamos mostrar como uma música pode ser rica não só para trabalhar aspectos linguísticos como a conjugação verbal e melhor retenção de vocabulário, como também apresentar uma cultura, uma visão de mundo por meio das metáforas.

As metáforas são parte significativas do nosso cotidiano e, por isso, são inexoravelmente parte das experiências humanas. Os modelos mentais e o processamento discursivo só se dão dessa forma e assim conceituamos e compreendemos o mundo que inescapavelmente nos abraça.

### **Referências**



BLOCK, David. *The Social Turn in Second Language Acquisition*. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 2003.

FILLMORE, Charles. J. *Frame Semantics In: Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin Publishing Co., 1982, p. 111-137.

KRAMSCH, Claire. *Language and Culture*, Nova Iorque: Oxford, 1998.

LAKOFF, George. *The Political Mind: A cognitive scientists' guide to your brain and its politics*. New York: Viking, 2008

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors We Live by*. Chicago University Press, 1980.

SARDINHA, Tony Berber. *Metáfora*. São Paulo: Parábola, 2007.

TOMAZI, Micheline Mattedi *Cantigas de acordar: Análise discursiva do enunciado poético de Chico Buarque*. Vitória: Saberes, 2008

VAN DIJK, Teun. *Discourse and Knowledge*. Barcelona: Cambridge University Press, 2014.

\_\_\_\_\_ *Discurso e Contexto: Uma abordagem sociocognitiva*. Contexto: São Paulo, 2012.

\_\_\_\_\_ *Conocimiento, elaboración del discurso y educación*, In: *Escribanía* (Universidad de Manizales, Colombia), 8, enero-junio de 2002, pp. 5-22.

ZAZ. *On Ira*. Álbum: *Recto Verso*, 2013. Disponível no em <https://www.youtube.com/watch?v=8IjWHBGzsu4>

Anexo I

On Ira – Zaz (Francês)

On ira écouter harlem au coin de manhattan  
On ira rougir le thé dans les souks à amman  
On ira nager dans le lit du fleuve sénégal  
Et on verra brûler Bombay sous un feu de Bengale  
On ira gratter le ciel en dessous de Kyoto  
On ira sentir Rio battre au cœur de Janeiro  
On lèvera les yeux sur le plafond de la Chapelle Sixtine  
Et on lèvera nos verres dans le Café Pouchkine  
Oh! Qu'elle est belle notre chance  
Aux milles couleurs de l'être humain  
Mélangées de nos différences  
A la croisée des destins  
Vous êtes les étoiles, nous sommes l'univers  
Vous êtes en un grain de sable, nous sommes le désert  
Vous êtes mille pages et moi je suis la plume  
Oh oh oh oh! Oh oh oh!  
Vous êtes l'horizon et nous sommes la mer  
Vous êtes les saisons, et nous sommes la terre  
Vous êtes le rivage et moi je suis l'écume  
Oh oh oh oh! Oh oh oh!  
On dira que le poètes n'ont pas de drapeaux  
On fera des jours de fête autant qu'on on a des héros  
On saura que les enfants sont les gardiens de l'âme  
Et qu'il y a des reines autant qu'il y a de femmes  
On dira que les rencontres font les plus beaux voyages  
On verra qu'on ne mérite que ce qui se partage  
On entendra chanter des musiques d'ailleurs  
Et l'on saura donner ce que l'on a de meilleur